

OCTOPI WALL STREET



Invertebrates are 97% of animal diversity!





Imagens:

01. Aranha: *Pimoides* *Cthuthu*. (foto: Gustavo Hormiga / fonte: Donna Haraway)
02. Polvo: *Octopus Cyanea* (foto: David Fleetham / fonte: Donna Haraway)
03. Octopi *Wall Street*. (arte: M. Jarvis; L. Hiebert; K. Treibergs, 2001 / fonte: D. Haraway)
04. Fight the Vampire Squid (<https://bit.ly/2yDrGCP>)
05. Pouvoir Populaire: cartaz do Atelier Populaire, maio de 1968
06. Pouvoir Populaire: cartaz do Atelier Populaire, maio de 1968
07. The devil fish of Califórnia Politics (Library of Congress: : <https://bit.ly/2yDrGCP>)
08. Standard Oil vc America (Library of Congress: : <https://bit.ly/2yDrGCP>)
09. Encerramento das Olimpíadas de Londres em 2012.
10. Ícone do Chthuluceno: Potnia Theron com face de Górgona, 600 AC (fonte: D. Haraway)
11. Cabeça de Medusa (pintura de Caravaggio, 1596-1597)
12. Cat's cradle / String Theory (Baila Goldenthal, 2008 / fonte: Donna Haraway)
13. Cartaz do curso Multitudoceno – design Barbara Szaniecki

# APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

## MULTITUDOCENO: MEMÓRIA, MOVIMENTOS E CIDADANIA (curso)

Barbara Szaniecki



Esta edição da Lugar Comum traz um conjunto de textos escritos a partir da participação de seus autores no curso intitulado **Multitudoceno: memória, movimentos e cidadania**. Organizado por Paulo Cesar Azevedo Ribeiro, Regina Teixeira, Giuseppe Cocco e eu mesma, o curso foi realizado a partir de uma parceria entre a Universidade Nômade e o Museu da República e se desdobrou em nove aulas ao longo do ano de 2017. Nem todos os palestrantes puderam entregar as suas contribuições e, por este motivo, deixo aqui um registro de suas falas. Contudo, pudemos contar com uma contribuição extra, no caso, a de Susana Caló e Godofredo Pereira. No final desse conjunto de textos relacionados ao curso, incluímos um dossiê menor e específico ao campo do design que denominamos “Design no Multitudoceno” e que descreveremos logo adiante.

A primeira aula do curso se intitulou **Multitudoceno: era do luto ou de outras lutas?** e apresentou o tema geral do curso. Paulo Cesar Azevedo Ribeiro introduziu o curso inserindo-o na história e memória coletiva. De minha parte, trouxe a inspiração de Donna Haraway aqui exposta como editorial para inspirar, por sua vez, essa singela cartografia dos movimentos deste momento.

Na segunda aula, **Alexandre Mendes e Clarissa Naback** trouxeram autores como Henri Lefebvre, Michel Foucault e Éder Sader para abordar o tema **Do direito à cidade comum**. Clarissa criticou o modo como o "direito à cidade", tão importante, acaba funcionando de forma normativa, autorizando apenas formas convencionais de vida na cidade – de moradia, de trabalho, de lazer e de circulação – e, automaticamente deslegitimando e excluindo outras. Pode-se dizer, talvez, "formas-Estado" de vida urbana. Ao "trabalhador" deve corresponder uma determinada forma de morar, de se divertir e consumir. Alexandre prosseguiu trazendo o conceito de comum: uma possibilidade a ser construída frente às articulações entre o Estado e o Mercado – sob as formas do "público" e do "privado" – que temos observado e vivido no Brasil. Articulações que levam, no caso da moradia no Rio de Janeiro, por exemplo, à expulsão de moradores da favela para "integrá-los" em programas habitacionais muito problemáticos.

A terceira aula trouxe o tema **Cidade excêntrica: o fora da metrópole** e começou com a uma poesia de autoria da polonesa Wislawa Szymborska: “O abismo não nos divide. O abismo nos cerca.” O abismo deveria nos aproximar mas segue nos dividindo. **Silvio Pedrosa** prosseguiu, com Debord e Agambem, a sua abordagem da conjuntura geral.

Com efeito, o espetáculo debordiano opera por separações contínuas: o espectador do ator, o cidadão do representante. O dispositivo agambeniano tudo separa de modo ainda mais dramático. Torna-se improfanável. Ora se em Agamben, o dispositivo é pura melancolia, em Foucault ele é jogos de poder com infinitas possibilidades de reverter. É da potência foucaultiana que Negri se apropria para pensar a metrópole. Aberta e ambígua, a metrópole é dispositivo. Dispositivo Metrópole. Além desse texto, também inspirou **Clarissa Moreira** a resenha que Negri fez do livro *Junkspace* de Rem Koolhaas. A Nova York delira. O Rio de Janeiro idem. Curiosa a leitura que Negri faz das análises de Koolhaas. “Ao lado do pós-modernismo de Rem Koolhaas está sempre o reformismo urbanístico” [...] Será possível abrir a metrópole à possibilidade de encontro e construção de lutas?” Ora, é o caso de lhe retornar a pergunta: que motivo o leva a abençoar os podres partidos ao invés de abraçar a multidão que saiu às ruas? “Cidade excêntrica: o fora da metrópole” foi uma verdadeira aula de autonomia para seguir construindo uma verdadeira democracia, para além do abismo. Nesta edição, pudemos apenas contar com a contribuição de Clarissa Moreira.

A quarta aula foi **Capitoloceno: acelerações ou aceleracionismos**. **Renan Porto** resumiu algumas das críticas feitas às tecnologias e ao progresso tecnológico, em particular a da Escola de Frankfurt, até chegar à provocação de Deleuze e Guattari: o mundo é maquínico! Nesse embalo, Donna Haraway publica em 1985 o seu Manifesto Cyborg abrindo possibilidades não apenas de pensar sobre as máquinas como também de fazer alianças com elas. Provocações como essas instigam a sair de uma posição conservadora acerca da relação tecnologia e mecanização do trabalho (um dos exemplos mais recentes e interessantes foi o dos garis do Rio de Janeiro que se recusaram a fazer o trabalho de máquinas e reivindicaram uma outra qualificação, ambiental) e apostar na invenção, sem temer a reação. Porque temer o futuro se podemos inventá-lo? Antes de passar ao livro *Inventing the Future – Postcapitalism and a world without work* de Nick Srnicek e Alex Williams, Renan comentou o quanto o maquinismo do Anti-Édipo e, sobretudo, do Mil Platôs de Deleuze e Guattari influenciou o aceleracionismo de Nick Land. O capitalismo não segue o modelo dialético e sim o cibernético. Pode-se criticar o neoliberalismo de Nick Land mas, nesse ponto, ele mais do que acerta. Essa percepção, aliás, pode explicar em parte o buraco em que nos encontramos: uma polarização que não corresponde aos fatos e, sobretudo, que não responde às dinâmicas fascistas, inclusive as micro e em fluxos. Chegando enfim ao livro em questão, Renan comentou as sete tendências do

capitalismo contemporâneo assim como as quatro estratégias propostas pelos autores para enfrentá-las: automação total do trabalho, redução do tempo de trabalho, renda universal e questionamento do trabalho como valor ético. Fechou com a idéia de produzir “caos”, o que não significa destruir tudo e sim reorganizar de outras maneiras e produzir outros sentidos e valores.

**Giuseppe Cocco** iniciou sua apresentação com uma provocação: como não cair numa indesejada desaceleração? Pois enquanto estamos falando de aceleracionismo estamos vivendo, após a grande promessa da aceleração, uma real recessão. Propôs um debate em dois pontos: sobre o “dentro” e o “fora” e sobre o tempo. Hoje, a procura de um “fora” não capitalista por parte da esquerda foca... na China! A China, esse “Império do Meio” seria então um “fora do Império”... Giuseppe trouxe as propostas de autores como Michel Aglietta, José Luís Fiori, Giovanni Arrighi e de Boaventura Santos que vão, por diferentes caminhos, nessa mesma direção problemática. Com eles nos deparamos com distinções, por exemplo, entre um capitalismo americano por um lado e, por outro, um capitalismo chinês ou...russo. Ou ainda entre um “capitalismo mesmo” por um lado e, por outro, uma “economia de mercado”. Enquanto os malabarismos teóricos tropeçam nos próprios termos, a China continua avançando sobre o mundo. Giuseppe traz então a originalidade do operaísmo italiano de Tronti que tensionou o marxismo clássico colocando Lênin na Inglaterra e, sobretudo, Marx em Detroit, lá onde o capitalismo estava mais forte. Um tensionamento tão importante como o pós-estruturalismo francês. Trata-se, em parte, de uma questão de método: procurar as contradições lá onde elas são fortes e encarar suas quimeras, ao invés de seguir criando um falso fora, puro. As apresentações desta aula não foram disponibilizadas na forma texto pelos palestrantes.

A quinta aula foi dedicada ao tema **Negritudes, diásporas, êxodos**. São todas palavras para expressar algumas linhas de fuga num mundo em plena virada conservadora. **Aryadne Bittencourt e Fabricio Souza** abriram suas falas com Foucault lembrando de suas reflexões biopolíticas acerca dos sujeitos que se constituem nas lutas e, neste caso específico, nas fugas. No mundo inteiro, fala-se em “crise migratória” mas Aryadne e Fabrício nos instigaram a pensar essa “crise” não como aleatória e gratuita, e sim como uma forma de gestão dos fluxos de migrantes. Sob essa ótica, a crise não é a falha e sim a necessidade por parte do sistema de se aperfeiçoar. Como? Com dois pactos globais que funcionam em dobradinha: defende-se o refúgio político e, ao mesmo passo, regula-se a

migração econômica. A escassez com que é concedido o refúgio político é o mais eficiente instrumento de regulação econômica visto que implica submissão às mais duras condições de trabalho. Os palestrantes também acenaram às linhas de racismo que se fazem presentes, terrivelmente presentes, nestes percursos. Algumas dessas reflexões são retomadas no texto aqui publicado.

**Alexandre do Nascimento** tomou uma carona na fala anterior sobre a questão do biopoder mas apontou que, hoje, para autores como Achille Mbembe, o termo é insuficiente para qualificar as formas contemporâneas de submissão da vida à morte. Prosseguiu, contudo, com uma potente história do conceito de Negritude. Segundo ele, foi no Haiti que a negritude se ergueu pela primeira vez, mas foram as vozes do poeta Aimé Césaire da Martinica e do escritor Léopold Sedar Senghor do Senegal que forjaram conceitualmente o termo. Termo político, sim, mas que teve por conta de seus principais atores, um forte viés cultural. Muito além da literatura, não se restringiu à denúncia do racismo e do colonialismo para se expandir na valorização e criação de modos de vida negros. Muito além do marco conceitual, foi um propulsor de movimentos mundo afora. Provocou fortemente o marxismo mas a relação com as questões de classe seguiram fundamentais. Alexandre também trouxe, ainda que no tempo restrito da aula, algumas linhas históricas do movimento negro no Brasil, reunido inicialmente numa Frente Negra Brasileira e multiplicado hoje em diversas frentes, de movimentos culturais às iniciativas de afroempreendedorismo, passando pelas lutas por uma universidade mais plural, com a continuidade e aprofundamento das ações afirmativas. Resumimos alguns pontos importantes de sua fala porque não foi disponibilizado o texto a tempo para esta edição.

A sexta aula teve como tema **Novas etnopolíticas: movimentos indígenas no Nordeste**. **Bruno Tarin e Laila Sandroni** falaram sobre a potência das lutas indígenas no Nordeste brasileiro na construção de novas formas de vida e cultura num país onde as alternativas ao modelo de desenvolvimento atual muitas vezes parecem escassas. Articulando questões a partir da experiência junto a oito territórios indígenas no nordeste, Tarin e Sandroni fizeram uma desconstrução do chamado “paradigma da aculturação”, segundo o qual os indígenas na região Nordeste teriam sido “aculturados” e, portanto, “extintos”. A despeito da permanência deste paradigma, inclusive no meio acadêmico, nos últimos anos, a força das lutas indígenas colocou em cheque interesses clássicos das ciências sociais em relação aos povos autóctones no Brasil e forçaram assim a formulação de

novos problemas teóricos, sobretudo no que diz respeito ao “isolamento” ou a uma “alteridade absoluta” em relação à sociedade ocidental. A proposta colocada por Tarin e Sandroni alinha-se com o movimento indígena atual e reconhece a potência que o contato e a mistura produzem, inclusive na formulação de novas políticas étnicas. Essas lutas fertilizam a (re)invenção de mundos de onde brotam “outros índios” e narrativas. Mundos onde os indígenas não foram extintos, muito pelo contrário, ficaram na terra como semente que se esconde durante a queimada e esperam as cinzas se transformarem em adubo para poder novamente brotar. Os palestrantes ressaltaram a ‘retomada’ como prática de reapropriação por meio da ocupação de terras e da atualização de cânticos, rituais, artesanatos, atividades de caça e pesca, e linguagem. Por fim, Tarin e Sandroni procuraram demonstrar que, hoje, o reestabelecimento de um ambiente propício à reprodução da vida indígena na terra reside tanto na memória quanto na invenção de novas formas de vida, tanto na ação política quanto nas práticas culturais. Uma vida que é simultaneamente a ponta de lança dos processos de transformação contemporâneos e expressão das ciências e mistérios ancestrais.

A sétima aula foi sobre **Direitos humanos e novos direitos**. **Luiz Felipe Teves** deu início a sua palestra retomando as três fases de Foucault, muito sinteticamente, a arqueologia, a genealogia e a ética. Falamos do que podemos ver, vemos o que podemos enunciar. Falar de regimes de visibilidade e de enunciação é se dar conta que existem possibilidades concretas para que certas formas possam ser vistas ou não. E passem a ser vistas ou não, em função de relações de forças. Extratos tentam contê-las e controlá-las enquanto os diagramas as fazem vazar. É a partir desse esquema que Foucault vai pensar os processos de subjetivação. É sempre possível dobrar, fazer dobras para além do que é possível ver naquele momento. Isso requer deixar morrer e... lançar dados (dá-lhe Mallarmé!). É assim, poeticamente, Luiz Felipe introduziu as questões jurídicas que queria abordar: do Estado de Bem Estar Social à *Governance*. Foucault analisou as mais diversas fábricas de corpos dóceis destinados a produzir e reproduzir: escola, universidade, fábrica, prisão, hospício. Maio de 68 rompeu as digas do regime disciplinar mas o capitalismo as recriou sob a forma de uma sociedade de controle. As instituições psiquiátricas fecharam suas portas mas remédios psicotrópicos passaram a circular sempre mais. Os empregos minguaram mas “empreendedores” passaram a se multiplicar sem cessar. O Estado não consegue acompanhar quanto mais regular os fluxos. Não é mais possível voltar ao



Estado de Bem Estar Social, a única saída é dobrar a *Governance*... criando novos direitos.

**Priscila Pedrosa Prisco** agarrou alguns dados lançados por Luiz Felipe e prosseguiu tomando Junho de 2013 como um acontecimento, neste caso, uma descontinuidade com relação à própria idéia de direitos humanos. O conceito sempre foi híbrido – por um lado jurídico, por outro político. Se um lado leva à normatização – e não por acaso, à medicina onde é a ordem biológica que funciona como norma, o outro é aberto às lutas. O que significa dizer que as lutas produzem direitos? Na cola de Maio de 68, a partir dos anos 70, o operáismo de Tronti e Negri entre outros abordou e aprofundou formas de representação imanentes às lutas das fábricas, para além dos sindicatos. Em Junho de 2013, advogados enfrentaram a “neutralidade” da advocacia tomando partido pelos corpos que protestavam, se auto-organizaram e auto-formularam pautas imanentes às ruas, para além dos partidos. É preciso desmilitarizar a militância, é preciso fazer emergir uma hermenêutica dos corpos, concluiu Priscila citando *Korpobraz*, livro do Giuseppe Cocco. O debate seguiu animado como sempre. Uma das questões que retornou foi a dos regimes de visibilidade: do panóptico do Foucault aos algoritmos do Facebook, é preciso seguir produzindo dobras ainda que sem conseguir ver direito o que vem pela frente. Os textos de Luiz Felipe e Priscila infelizmente não estão entre as contribuições, fica aqui o registro de suas falas.

A oitava aula foi dedicada aos **Feminismos, fetichismos e formas de exploração**. **Ana Beatriz Rangel** abriu a mesa afirmando que feminismo e capitalismo talvez nunca antes tenham se relacionado de forma tão complexa e intensa como agora. Já nos anos 1960/70, na segunda onda do movimento, as feministas liberais eram acusadas pelas vertentes radical e socialista de adotar uma postura reformista, representada pela luta por direitos que não questionavam mais amplamente a organização desigual da sociedade capitalista. No entanto, a dissociação entre a narrativa da igualdade de gênero e as narrativas de transformação socioeconômica profunda parece ser a tendência hegemônica do movimento, embora, é claro, vertentes radicais e socialistas sigam ativas e experiências de resistência e rasura dessa fórmula sejam criadas e recriadas ao mesmo tempo. O aspecto relevante a ser analisado, no entanto, diz respeito a como os dispositivos de poder neoliberais se reorganizaram para gerir as resistências a ponto de torná-las parte de sua própria

lógica de operação e como vertentes do movimento feminista não simplesmente foram capturadas, mas incorporaram esses dispositivos como forma deliberada de ação. Através da obra de autores como Judith Butler, Bruno Latour, Teresa de Lauretis e Jean-Joseph Goux, Ana Beatriz nos fez refletir sobre as transformações dos mecanismos de criação de valor no capitalismo contemporâneo, associadas aos processos de subjetivação, para pensar as possibilidades de conformação e resistência das narrativas feministas em operação na atualidade. **Regina Teixeira** e **Síndia Santos** também trouxeram ótimas contribuições sobre o tema. O texto de Regina infelizmente não chegou a tempo, já o de Síndia está aqui no dossiê, imperdível!

E, finalmente, a nona e última aula do curso abordou o tema **Enfrentar a crise: clínica e política**. Mariana Abreu Mayerhoffer e Talita Tibola desenvolveram um ótimo debate a partir de convergências e divergências entre os autores Jacques Lacan e Felix Guattari, respectivamente. Aqui no dossiê, contamos com a contribuição de Talita Tibola. **Bruno Cava Rodrigues** encerrou o curso com sua palestra “Um ou muitos fins do mundo – niilismo e crença em Gilles Deleuze”. Embora sua fala não tenha se transformado em texto, Bruno contribui para esta edição com “Melancolia e furor” resenha do filme de “No intenso agora” de João Moreira Sales (Brasil, 2017).

Obrigada a todos os palestrantes e participantes!

Completa o dossiê Multitudoceno uma contribuição de Susana Caló e Godofredo Pereira e um sub-dossiê intitulado **Design no Multitudoceno**, com reflexões de Pedro Biz, Pedro Temotheo, Diego Costa. Barbara Szaniecki, Zoy Anastassakis e Camille Moraes.